

## LINGUAGENS SEM FRONTEIRAS NO MUNDO PÓS-PANDÊMICO

Raquel Meister Ko. FREITAG (UFS)<sup>1</sup>  
Isabel Cristina Michelan de AZEVEDO (UFS)<sup>2</sup>  
Edvaldo Balduino BISPO (UFRN)<sup>3</sup>

### Introdução

Toda geração tem um marco temporal. Quem tem mais de 70 anos deve lembrar-se de onde estava e do que fazia quando soube da notícia de que John Kennedy foi assassinado. Quem tem mais de 40 anos deve lembrar-se da queda das torres gêmeas. Mas quem sobreviveu à pandemia, o que lembra?

Logo a incredulidade e a desconfiança deram lugar ao medo e à dor. A vida seguia, mas parada, um paradoxo difícil de explicar. A imagem de sepulturas sendo abertas por retroscavadeiras vai sempre causar arrepios; a dor da perda não vai cessar porque não pudemos sequer cumprir o ritual do luto, do fechamento de ciclos.

Os efeitos na sociedade ainda estão sendo desvelados. E na academia? No campo da linguagem, os impactos da pandemia na alfabetização (MACEDO; PORTO, 2022), em estudos do discurso (BARONAS et al., 2020), da educação linguística (SILVA et al., 2023), dentre outros, já foram sistematizados, mas não se esgotam.

É fato que a pandemia de Covid-19 – um evento sanitário repentino, radical e amedrontador, causado pelo rápido contágio de pessoas mundo afora pelo coronavírus (SARS-CoV2) – instigou pesquisadores e professores a repensarem suas práticas laborais e encontrarem novos meios para continuar realizando as atividades acadêmicas. Contudo, a continuidade das ações de investigação e ensino não dependeram apenas de boa vontade e criatividade. Foram muitos os fatores que afetaram diretamente o modo como a vida pode acontecer com ao advento do isolamento social por um longo tempo.

Em particular, destacamos seis deles: 1. renovar a realização de eventos acadêmicos a fim de impedir a paralisação das atividades universitárias; 2. adaptar imediatamente as aulas para o modelo assíncrono, emergencialmente, sem haver preparação para o planejamento de ações específicas nem suporte de EaD disponível para que todos pudessem trabalhar em diferentes níveis de ensino; 3. qualificar o uso de distintos recursos tecnológicos e contar com estrutura adequada para o pleno funcionamento das infovias e para o entendimento da constituição de novas relações sociais; 4. identificar novas estratégias para realizar a coleta de dados em variados campos de conhecimento a fim de que as investigações pudessem ter continuidade; 5. garantir as mesmas condições de trabalho para que mulheres e homens realizassem a atividade docente a partir de suas residências;

---

<sup>1</sup> Doutora em Linguística, Professora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil. Bolsista de Produtividade do CNPq. Vice-Presidente do GELNE biênios 2019-2020 e 2020-2022. Vice-Presidente da Associação Brasileira de Linguística 2019-2021. E-mail: [rkofreitag@academico.ufs.br](mailto:rkofreitag@academico.ufs.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4972-4320>.

<sup>2</sup> Doutora em Letras, Professora do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil. Presidente do GELNE biênios 2019-2020 e 2020-2022. Coordenadora do GT Argumentação da Anpoll desde 2022. E-mail: [iazevedo@academico.ufs.br](mailto:iazevedo@academico.ufs.br). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5293-0168>

<sup>3</sup> Doutor em Estudos da Linguagem, Professor Associado do Departamento de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Bolsista de Produtividade do CNPq. Líder do Grupo de Pesquisa Discurso & Gramática/UFRN. E-mail: [edvaldo.bispo@ufrn.br](mailto:edvaldo.bispo@ufrn.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5607-3407>.

6. organizar redes de apoio para lidar com os abalos na saúde mental de docentes e discentes, além do apoio de saúde física.

Neste volume temático da *Revista do GELNE*, temos uma dupla tarefa: i) recuperar a memória da Associação de Estudos Linguísticos e Literários do Nordeste durante a pandemia; e ii) apresentar à comunidade acadêmica o novo normal em termos de tendências de pesquisa que emergiram neste cenário e das formas de fazer ciência que aprendemos com a pandemia. Para tanto, abordaremos principalmente questões relacionadas aos três primeiros pontos anteriormente citados.

## 1 Eventos na pandemia

Desde a sua fundação, o GELNE tem promovido Jornadas Nacionais bianuais, que envolvem professores/pesquisadores, estudantes de Pós-Graduação e de graduação, e professores da educação básica, não só da região Nordeste, mas de diferentes regiões do país. Antes da pandemia, foram realizadas vinte e sete Jornadas, em diferentes cidades e capitais do Nordeste.

Seguindo a tradição, a 28ª Jornada do GELNE, objetivava reunir pesquisadores, professores e estudantes oriundos de universidades brasileiras e estrangeiras para estabelecer diálogos em torno de pesquisas realizadas nos campos da Linguística e da Literatura. Mas, dessa vez, o evento aconteceu totalmente por meio de recursos digitais, no período de 3 a 13 de novembro de 2020. O evento precisava se adequar à nova realidade, aos dias de quarentena, ao distanciamento físico que impactou a vida cotidiana de todos. Isso impulsionou a diretoria do GELNE cujo exercício começou em 2019 a buscar na rede digital meios para o compartilhamento das pesquisas acadêmicas no ciberespaço, devido às circunstâncias vividas a partir de 2020. Ou seja: as atividades da Associação precisaram se unir ao “[...] milagre de viver e sobreviver à revelia da pandemia [, o que] nos motivou a criar e a explorar *lives* que são, essencialmente, expressões vívidas de vídeo síncrono *online* nas quais se materializam metodologias [...]” (COSTA; ALMEIDA; SANTOS, 2021, p. 163).

A fim de favorecer a comunicação síncrona, optou-se pelas *lives*, recurso que também permitia a retomada dos conteúdos de modo assíncrono, desde que fossem gravados em alguma plataforma digital, pois o compartilhamento de gravações e a manutenção das atividades realizadas possibilitava recuperar as discussões em outras atividades formativas, seja para uso privado e/ou coletivo. Assim, todas as atividades coletivas do evento, como mesas e conferências, foram transmitidas, sincronamente e de modo aberto, pelo canal do Youtube <https://www.youtube.com/@Gelne>. Já as 22 sessões de comunicação da 28ª Jornada do GELNE foram realizadas em salas privadas e reuniram 500 participantes, além das inúmeras pessoas que acompanharam as atividades transmitidas *online* gratuitamente, sem necessidade de inscrição, durante os dez dias de evento, com início às 8h30 e encerramento por volta das 21h. Nessas sessões, 117 trabalhos congregaram reflexões de professores e pesquisadores das regiões Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste.

Mais do que manter a tradição, conseguimos manter viva a essência que constitui a nossa Associação. Não com o mesmo fôlego que outras associações, como a Associação Brasileira de Linguística (Abralín), que, no mesmo período, esteve todos os dias pelo menos dois turnos oferecendo, aberta e gratuitamente, atividades com pesquisadores nacionais e internacionais na série Abralín Ao Vivo (<https://www.abralin.org/site/evento/abralin-ao-vivo/>), mas, ainda assim, mantendo o GELNE ativo.

Com a programação situada na temática do projeto Cartografia GelNE<sup>4</sup>, não só incluímos a divulgação dos resultados de dez cartografias. Foi muito especial e desafiador realizar a Jornada do GELNE em modo digital, uma vez que nos acostumamos a estar fisicamente compartilhando experiências nas Jornadas anteriores, ao longo de quarenta anos. Passado o susto, o espanto e a dor dos primeiros momentos da pandemia no Brasil, sabíamos que seria preciso encontrar alternativas para não deixarmos de nos encontrar e de resistir pela reflexão de qualidade no âmbito acadêmico.

Assumimos que a cultura acadêmica se constitui em um processo incessante de interações simbólicas com o mundo-vida, pois produzir significações e sentidos requer sempre atribuir qualidade aos saberes produzidos. A necessidade de organizar esses saberes nos possibilitou construir particularidades no âmbito da área de linguagem que contribuíram com o conhecimento metodológico e sistematizado de variados fenômenos linguísticos e literários (COSTA; ALMEIDA; SANTOS, 2021).

Além de manter produtividade acadêmica, foi preciso aprender a conciliar trabalho e afazeres domésticos em período de *home office*, pois, segundo o informativo “Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil”, elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2021<sup>5</sup>, as mulheres dedicaram, já em 2019, quase o dobro de tempo que os homens (21,4 horas contra 11,0 horas) aos cuidados de pessoas ou afazeres domésticos, e a maior desigualdade se encontrava na Região Nordeste do Brasil. Com Barroso (2020, p. 893), concordamos que “[...] a pandemia escancarou a desigual ‘economia do cuidado’, em que a responsabilidade e o ônus do trabalho de casa (trabalho doméstico) e dos cuidados com doentes, crianças e idosos são prioritariamente das mulheres, ficando para os homens o trabalho em casa [...]”. Assim, coube às mulheres em confinamento, a sobrecarga de tarefas, combinada com a continuidade das exigências impostas aos profissionais que atuam no ensino superior.

Ainda estávamos Tateando e aprendendo na prática a usar as ferramentas virtuais de transmissão simultânea. Tantos dias de atividades nos três turnos foram um desafio extenuante, sobretudo para as professoras e pesquisadoras, mas, mesmo assim, foi possível manter a tradição e o compromisso com a pesquisa e o ensino. Em especial, resolvemos reservar o espaço para o compartilhamento das ideias mapeadas em mais de vinte anos de pesquisa no Nordeste indicou-nos a importância de estarmos unidos e empenhados na construção de conhecimentos, quando forças tão adversas estão impactando o ensino e a pesquisa no Brasil. Os resultados de dez Cartografias<sup>6</sup>, realizadas por pesquisadores vinculados a diferentes Instituições de Ensino Superior,

---

<sup>4</sup> Nos 45 anos de trajetória, o GELNE tem promovido ações cujos resultados se dispersam nas diferentes instituições da região Nordeste. Daí a tarefa de cartografar. Em setembro de 2018, a então diretoria do GELNE, constituída por Cleber Ataíde, Valéria Severina Gomes, Sherry Morgana Justino Almeida, Emanuel Cordeiro da Silva, Thaís Ludmila da Silva Ranieri e André Pedro da Silva, promoveu o I Seminário de Pesquisas em Linguística e Literatura do GELNE, na cidade de Recife. Como resultado do seminário, foram definidas ações estratégicas para a consolidação da Associação e, ao mesmo tempo, o fortalecimento das áreas de Linguística e Literatura na região Nordeste. Dentre essas ações está a elaboração de um mapeamento das pesquisas nessas áreas, realizado em universidades do Nordeste brasileiro, o projeto Cartografia GelNE (ATAÍDE, 2019a,b). Em 2023, publicamos o terceiro volume da série (FREITAG; AZEVEDO, 2023), cuja proposta foi definida na 28ª Jornada do GELNE, em 2020, e a apresentação dos resultados cartografados ocorreu na 29ª Jornada do GELNE, em 2022.

<sup>5</sup> O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE apresentou em 2021 a segunda edição do estudo Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil, com informações fundamentais para análise das condições de vida das mulheres no país. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf)

<sup>6</sup> Como pode ser confirmado no *site* do evento (<https://www.gelne2020.com.br/#>), as dez Cartografias cujos resultados foram socializados na 28ª Jornada do GELNE são as seguintes: i) Pesquisas em ensino de literatura no Nordeste; ii) Estudos em Psicolinguística no Nordeste; iii) Análise do Discurso no Nordeste: filiações teóricas e institucionais; iv) Panorama das pesquisas em Filologia e em Linguística Histórica no Nordeste brasileiro; v) Estudos literários africanos, afro-brasileiros e intersemióticos: caminhos de renovação epistêmica no Nordeste; vi) O caminho da Linguística Textual no Nordeste; vii) Contribuições da Linguística Aplicada para o ensino de português como língua

entre 2018 e 2019, foram detalhados para o público, e outras cinco propostas foram lançadas para início imediato. Esse esforço tem sido organizado como uma resposta à necessidade de mapeamento de ações descritivas, formativas e discursivas e de divulgação científica, uma vez que o GELNE se propõe a criar continuamente condições mais equânimes para a produção de conhecimentos.

A articulação entre os eventos síncronos, mediados pelas plataformas digitais, e a produção escrita, em formato de livro, favoreceu a ressignificação da produção dos conhecimentos científicos e dos processos de apropriação desses conhecimentos a partir de uma rede multirreferenciada (SANTOS, 2014). Essa ressignificação que nos auxiliou na criação de novos meios para legitimar as referências, os saberes e os conhecimentos reunidos por profissionais vinculados a distintas Instituições de Ensino Superior, principalmente as que estão localizadas na região nordeste do Brasil. Assim, foram dados os primeiros passos para a programação do evento seguinte.

A 29ª Jornada do GELNE foi realizada na Universidade Federal de Sergipe, em São Cristóvão/SE, local onde estava sediada a Diretoria, no período de 28 a 30 de novembro de 2022. No momento do planejamento dessa edição do evento, a pandemia já havia passado por suas ondas mais fortes, e já estávamos retomando as atividades presenciais. Todas as medidas sanitárias para a realização da atividade presencialmente haviam sido previstas, com a obrigatoriedade do uso de máscaras e a higienização constante das mãos com álcool em gel. No entanto, às vésperas do evento, pairava a ameaça de uma nova onda.

Apesar de nossos medos e receios, a 29ª Jornada do GELNE ocorreu de maneira híbrida, plena e renovadora de esperanças, pois permitiu o encontro de pesquisadores, estudantes de graduação e de pós-graduação, professores e estudantes da educação básica, tão esperado e característico das Jornadas do GELNE. Foram momentos de reencontro e alívio e, ao mesmo tempo, de pesar, ao sentirmos a falta das pessoas que sempre participavam das Jornadas do GELNE e não estavam mais presentes entre nós por conta da condução genocida da pandemia no Brasil.

O desafio de realizar um evento híbrido é muito grande: eventos científicos, por si só, são desafiadores, por mobilizarem uma grande equipe e terem uma grande demanda de infraestrutura. Um evento totalmente presencial ou totalmente remoto é relativamente menos complexo do que um evento híbrido. Para dar conta da 29ª Jornada do GELNE, valemo-nos de recursos digitais para transmitir as mesas e as conferências pelo canal do Youtube <<https://www.youtube.com/@Gelne>>. Algumas das sessões de comunicação foram realizadas em salas privadas, e duas sessões de comunicações foram realizadas de forma híbrida, integrando participantes que estavam presentes na sede do evento, na Universidade Federal de Sergipe, com participantes que não puderam comparecer presencialmente e participaram de forma remota da apresentação e da discussão de trabalhos científicos.

Não foi apenas nas comunicações que tivemos participantes remotos. As mesas de apresentação dos resultados das cartografias só foram possíveis por conta dos recursos híbridos: além das medidas sanitárias e necessidade de isolamento por questões de risco de contágio para grupos específicos, o custo das passagens aéreas aumentou expressivamente durante a pandemia (e não dá sinais de que irá baixar), assim como a malha aérea da região Nordeste, que já era bastante restrita antes, ficou ainda mais limitada após a pandemia. Não há mais voos entre Aracaju e Salvador, por exemplo. Assim, a possibilidade de participação remota não é apenas uma questão de inclusão para pessoas com saúde vulnerável; significa também incluir pessoas que estão nas regiões não hegemônicas e dar a oportunidade de inserção no debate científico. Essa é uma missão

---

materna; viii) Pesquisas funcionalistas no Nordeste: panorama histórico; ix) Descrição e análise em línguas indígenas; x) Diálogos entre estudos em tradições discursivas no Nordeste.

que não pode se restringir ao GELNE, mas deveria ser de qualquer associação de área que se queira inclusiva.

Precisamos reconstruir o modelo de eventos acadêmicos, bem como os vínculos institucionais entre universidade, editoras, livrarias, empresas de serviços etc. Foram dois anos de vida acadêmica *online*, constituída principalmente pela realização de *lives*, com apoio de recursos digitais, que permitiram o compartilhamento de uma multiplicidade de conceitos e noções, porque tínhamos a oportunidade de voltar a nos reencontrar para aprender juntos em interação face a face. Reaprender a socializar depois da pandemia se tornou o novo desafio, pois ainda era difícil pensar em estar perto das pessoas novamente, sobretudo quando estavam sem máscaras, visto que abraçar alguém parecia algo perigoso; lidar com o estresse que os laços sociais impõem, sobretudo após a solidão gerada pelo isolamento prolongado, visto que teríamos que compartilhar dores, além dos meios de sobrevivência experienciados. Concentrar a atenção em uma única atividade, sem a convivência com uma quantidade quase absurda de informações, como acontece no ambiente digital. Reativar a função da memória sem o apoio da revisão contínua do evento assistido, uma vez que em dois anos de pandemia o cérebro foi afetado pela falta de interação direta, o que dificulta nossa capacidade de conexão com outras pessoas, isto é, de interação social.

Precisamos recuperar o valor das relações sociais, da empatia na convivência com o outro e da valorização do simples e do essencial, frente à grande quantidade de recursos e informações disponíveis no meio digital. Mais que isso, precisamos reconhecer que, passada a pandemia, as pesquisas socializadas poderiam ser entendidas como o retrato da resistência, da resiliência e da sobrevivência.

Então, reunimos a disponibilidade tempo e as forças dos que trabalharam arduamente durante a pandemia e pudemos compor o volume 3 do projeto Cartografia GelNE, intitulado **Cartografia da pesquisa em linguagem no Nordeste: áreas emergentes, aplicações para o ensino e interfaces** (FREITAG; AZEVEDO, 2023), constituído por oito textos, relativos a sete movimentos cartográficos<sup>7</sup>. Essa produção complementa os trabalhos que foram apresentados durante a 29ª Jornada do GELNE, que teve uma expressiva participação em simpósios temáticos propostos pela comunidade que compõe o GELNE, o que nos dá uma perspectiva das novas pesquisas que estão emergindo, e que poderão vir a ser cartografadas nas próximas edições.

O conjunto de pesquisas socializadas na 29ª Jornada do GELNE é uma amostra dos nossos aprendizados durante o período da pandemia. Se na 28ª Jornada do GELNE ainda estávamos no choque do isolamento e o foco foi a cartografia do que já havia sido feito até então, em continuidade à política já iniciada (ATAÍDE, 2019a,b), mas também como forma de resistência e memória, na 29ª Jornada do GELNE a resiliência nos permitiu um novo panorama, com retomadas, adaptações e reavaliações. Destacamos três frentes de pesquisa que se abrem a partir da vitrine da 29ª Jornada do GELNE: estudos sobre efeitos e impactos da pandemia na educação, estudos híbridos, em que as fronteiras entre áreas e temas não ficam tão explícitas, no campo da multimodalidade, e a emergência de estudos identitaristas, com foco na inclusão.

---

<sup>7</sup> O volume é constituído pelos seguintes trabalhos: i) Panorama dos estudos em morfologia e interfaces na região Nordeste: uma cartografia introdutória; ii) Pesquisas linguísticas sobre o processamento da linguagem pelo método do rastreamento ocular na região Nordeste; iii) Interface entre aquisição de linguagem, educação e saúde nos estados nordestinos; iv) Cartografia do sociofuncionalismo no Nordeste; v) Os caminhos do sociofuncionalismo no Nordeste: aplicações; vi) Linguística aplicada no Nordeste: uma cartografia das produções dos programas de pós-graduação; vii) Estudos da argumentação: cartografia das pesquisas realizadas na região Nordeste do Brasil nos anos 2010; viii) O ensino de argumentação: cartografia das pesquisas realizadas na região Nordeste do Brasil na década de 2010.

## 1.1 Os impactos na pesquisa e na educação

O distanciamento físico imposto pelas medidas sanitárias para restringir o contágio na pandemia teve impacto nas agendas de pesquisa da área de linguagem em duas direções: nas pesquisas empíricas, o reuso de dados e a constituição de amostras linguísticas por processamento computacional; e nas pesquisas aplicadas, o impacto na educação.

O sistema educacional brasileiro, de uma maneira geral, foi o que mais tempo ficou sem aulas no período da pandemia. Em média, a Educação Básica ficou cerca de 300 dias sem aula. A Educação Superior ficou menos tempo; a transição para o ensino remoto emergencial foi relativamente mais rápida do que na Educação Básica por conta das experiências anteriores com a modalidade de educação a distância (GUSSO et al., 2020).

A retomada das práticas de pesquisa na área de estudos da linguagem, no entanto, não seguiu o mesmo molde (FREITAG et al., 2021a; MACHADO-VIEIRA et al., 2021, dentre outros), com a ênfase em pesquisas que buscam padrões linguísticos em amostras de dados linguísticos já constituídas ou constituídas a partir de coleta nas redes. A 29ª Jornada do GELNE propiciou o intercâmbio de experiências de pesquisa que buscavam desvelar padrões linguísticos com o uso de ferramentas de mineração de dados, como em **Linguagem inclusiva e comunicação não sexista na Universidade Federal de Sergipe** (BARROS SANTOS et al., 2023), no processamento computacional, como em **Falsos diminutivos do português brasileiro e seu reconhecimento em um dicionário computacional de livre acesso** (RODRIGUES; VALE, 2023), em amostras de textos escritos em ensino remoto emergencial, como em **Orações relativas em textos científicos: ambiguidade e efeito discursivo** (BATISTA; ARAUJO, 2023), ou em dados disponíveis online, como em **A hipercorreção em redações modelo Enem do site Uol Educação** (MARTINS; MARTINS, 2023).

Pesquisas que consideram os impactos da pandemia na educação foram apresentadas na 29ª Jornada do GELNE, com dois enfoques: a ampliação na proficiência nas tecnologias e gêneros digitais emergentes, como apresentado em **Práticas de letramento no Laboratório de Leitura e Produção Textual: gênero científicos, oralidade e tecnologias digitais** (SOUSA; BATISTA Jr., 2023), e na leitura, como em **Psicolinguística e educação: uma análise do acesso lexical em estudantes do Ensino Médio EJA e do Ensino Superior** (SOARES; LEITÃO; GOMES, 2023) e **Projeto de ensino para 6º e 7º anos: desenvolvendo a automaticidade na decodificação em estudantes PcD** (SILVA et al., 2023).

O artigo destinado ao ensino de estudantes nos anos finais do ensino fundamental ressalta como a avaliação diagnóstica de fluência em leitura oral e compreensão leitora toma o texto como centro norteador do trabalho didático-pedagógico porque, quando organizado por ordem de complexidade cognitiva para atender aos objetivos de aprendizagem, favorece a superação de dificuldades individuais pelos discentes. A preocupação com a compreensão leitora, mas em associação com o processamento de palavras, também está presente no artigo que correlaciona a pesquisa psicolinguística ao desempenho de estudantes de distintas modalidades (Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos – EJA e Ensino Superior), para mostrar os efeitos de escolaridade, de frequência e de relação prime-alvo, bem como os efeitos de interação prime-frequência e grupo-frequência nos hábitos de leitura dos estudantes. Na perspectiva da produção textual, o artigo de Sousa e Batista Jr. (2023) indica que ações e atividades educacionais e sociais, pautadas pelo (multi)letramento e pela Base Nacional Comum Curricular, podem tornar tanto os estudantes do Ensino médio Técnico e Tecnológico quanto os da Graduação, jovens protagonistas dentro da sociedade.

Esses três textos reforçam que crianças e jovens podem desenvolver capacidades e competências mesmo em situações adversas, como diante da dificuldade de leitura para desenvolver automaticidade na decodificação, para correlacionar o processamento de palavras

morfologicamente complexas ou para lidar com diferentes tipos de textos. Em função disso são propostos recursos metodológicos que favorecem o diagnóstico, a análise e a composição de práticas pedagógicas que podem minimizar tais limitações.

Os impactos da pandemia ainda serão sentidos por um longo tempo. O acompanhamento contínuo dos efeitos levará a uma série histórica e, quem sabe, daqui a dez anos, tenhamos uma dimensão mais acurada do que aconteceu de fato neste nosso período de história do tempo presente.

## 1.2 Hibridismo e multimodalidade

Já antes da pandemia, multimodalidade e análise linguística e semiótica despontavam na *Base Nacional Comum Curricular* (BRASIL, 2018). A demanda pedagógica impõe à pauta das agendas de pesquisa em linguagem uma mudança no modo de conceber o fenômeno, que não se molda às fronteiras de disciplinas. O nível multimodal não é linguístico nem semiótico, não é língua nem literatura; é, antes de tudo, híbrido.

O hibridismo da multimodalidade foi impulsionado pela pandemia, em especial pela exposição exacerbada ao universo digital, com redes sociais pautando as notícias (e a desinformação), como apresentado em ***Fake news e cidadania digital: procedimentos de checagem de fatos em textos multissemióticos*** (LIMA-NETO; NASCIMENTO, 2023), e a análise de uma expressão da gamificação digital (o *advergame*), que pode servir como estratégia para a divulgação de produtos e ideias em sociedade e ainda como estratégia pedagógica no ensino de línguas, como apresentado em ***Argumentação multimodal a partir da articulação de semioses no gênero advergame*** (SOARES; AZEVEDO, 2023). A fronteira entre língua e literatura se desfaz em ***Entre o dito e o visto: narratividade em Abishag, de João Câmara*** (ALMEIDA; SILVA, 2023), fazendo-nos refletir sobre as implicações pedagógicas do trabalho com a multimodalidade.

Embora esses trabalhos tenham como foco distintos fenômenos de uso social da linguagem, os três artigos se referenciam em novas criações que tomam a relação intersemiótica como recurso principal na construção de discursos e de veiculação de ideias na sociedade contemporânea. O livro ilustrado, relativo à obra de João Câmara, em particular, articula signos verbais (palavras) e signos icônicos (ilustrações) para compor uma materialidade que ultrapassa as categorizações de técnicas de complementação ou de simples correspondência entre o texto verbal e o texto visual.

Os *advergames* e as *fake news*, que dependem de recursos digitais para alcançar os sujeitos sociais, são analisados em dois artigos a fim de discutir como a multimodalidade pode estar a serviço da formulação e defesa de ideias em um mundo globalizado. O artigo de Soares e Azevedo (2023) explica como a diversidade de modalidades<sup>8</sup>, presente em um exemplar do gênero *advergame*, pode ser analisada quando se quer compreender a composição da argumentação multimodal que visa à persuasão do outro. Por sua vez, o texto de Lima-Neto e Nascimento (2023) propõe critérios mais objetivos, apoiados na checagem de fatos, para colaborar com o reconhecimento de textos fundados na desinformação. São dois trabalhos que estão apoiados em distintas expressões discursivas, mas visam a explorar os impactos delas nas experiências vividas pelos sujeitos que interagem pela linguagem.

Esses dois processos multimodais, embora diferenciados, problematizam a questão da representação na sociedade ocidental contemporânea, marcada pelo capitalismo multinacional e pelas articulações entre saber e poder, que provocam tensões marcadas pelo fenômeno da

---

<sup>8</sup> O termo “modalidade” é assumido pelos autores para se referir a um conjunto regularizado e organizado de recursos de construção de sentido, incluindo imagens, gestos movimento, efeitos sonoros, músicas etc., que derivam do trabalho da cultura em moldar materiais como recursos para representação de distintas realidades (JEWITT; KRESS, 2003).

“heterogeneidade multitemporal” (CANCLINI, 1995, p. 72). Desse modo, ocorre um tipo de hibridismo no qual o convívio social urbano, em contextos locais e internacionais, pode gerar o fenômeno da desterritorialização. Aprendemos com os autores dos artigos que, quando esse processo é ampliado pela difusão possibilitada pelos inúmeros meios de comunicação, as culturas podem potencializar a produção de conhecimentos e, ao mesmo tempo, tornar-se veículos de desinformação, engodo e manipulação de uma parcela da sociedade.

Esses três artigos instigam o leitor a pensar na relação entre tradição, modernidade e pós-modernidade especificamente em relação ao processo de hibridação cultural. É possível perceber, a partir do material oferecido aos leitores, que o hibridismo promove combinatórias e sínteses imprevistas – o que motiva a ocorrência de desdobramentos interculturais, o exercício da produtividade e a manifestação do poder criativo –, enquanto destaca os contrastes e as contradições da cultura urbana. Além disso, torna-se relevante notar que a compreensão do hibridismo, presente em todos os estratos sociais, favorece discussões que promovem a observação do entrecruzamento de diferentes tempos históricos, bem como dos variados processos de identificação e estranhamento que coexistem em sociedade.

Em outro conjunto de artigos, observamos que, no campo da aquisição da linguagem, cada vez mais é explorada a relação entre corpo e língua, em especial por meio de recursos gramaticais corporificados (FREITAG et al, 2021b), como os gestos, configurando uma relação multimodal. A caracterização do gesto é apresentada em **O gesto de levantar a mão: um olhar sob a perspectiva do contínuo de Kendon** (SILVA; CAVALCANTE; HOLANDA, 2023), trabalho que debate teoricamente um gesto tão recorrente no contexto da sala de aula. Além de classificar as ocorrências desse gesto, analisa o seu impacto no processo interativo entre professor e aluno e na manutenção dos turnos de fala em ambiente escolar.

Pelo viés da aquisição da linguagem, o gesto também é explorado em **Sob um olhar dialógico-multimodal: a matriz gesto e fala como palco de entrada da criança na linguagem** (HOLANDA *et al.*, 2023) e em **Os efeitos da aquisição tardia da língua de sinais no desenvolvimento de crianças surdas: o que revelam as pesquisas** (ROLDÃO; SANTOS; CAVALCANTI, 2023). Na pesquisa de Holanda *et al.* (2023), a interação mãe/bebê é analisada com base na relação entre gesto e fala por possibilitar perceber, em abordagem dialógico-discursiva, como esse processo insere a criança no mundo dos gêneros textuais. Por sua vez, na revisão de literatura realizada por Roldão, Santos e Cavalcanti (2023) foram identificados indícios de que a exposição tardia a uma Língua de Sinais poderá provocar atrasos na proficiência em leitura, particularmente em relação à decodificação e ao reconhecimento de sinais de uma segunda língua (L2), além de afetar a capacidade de aprender posteriormente idiomas adicionais e provocar atrasos no desenvolvimento e compreensão das emoções.

A multimodalidade é, sem dúvida, um campo promissor para ser incorporado ao projeto Cartografia GelNE, não só por suas contribuições pedagógicas, tão necessárias para a implementação da BNCC na Educação Básica, mas pela potencialidade de interfaces, revelando o papel híbrido da linguagem.

### 1.3 Identitarismo e inclusão

A pandemia catalisou também a emergência de pautas identitárias e inclusivistas na sociedade, com reverberação na agenda de pesquisa da academia, em diferentes campos do conhecimento. Não foi diferente no campo da linguagem, e a 29ª Jornada do GELNE foi uma vitrine desse despertar. Podemos ver a emergência de pesquisas com temáticas inclusivas no campo da aquisição da linguagem, explorando a aquisição de línguas e surdez, como apresentado em **Os efeitos da aquisição tardia da língua de sinais no desenvolvimento de crianças surdas: o que revelam as pesquisas** (ROLDÃO; SANTOS; CAVALCANTI, 2023), e a relação entre



aquisição da linguagem e autismo, como explicitada em **Notas sobre *lalíngua* no autismo** (CARVALHO; IANINO; SILVA, 2023).

A temática inclusiva também se desvela em pesquisas com grupos minorizados. É o caso de **Linguagem inclusiva e comunicação não sexista na Universidade Federal de Sergipe** (BARROS SANTOS *et al.*, 2023), em que a identificação de padrões linguísticos na referência a pessoas é a base para subsidiar ações que promovem a inclusão de gênero em comunicações oficiais, ou em **Jornalismo e interdiscurso: produção de sentidos locais sobre os povos indígenas no RS** (SEBASTIANY; ROSA, 2023), em que o ponto de partida é a questão humanitária com os povos Yanomami e também Kaingangs. Variedades linguísticas minoritárias também são objeto de investigação, como em **Línguas, culturas e direitos linguísticos no Peru** (MARENGO *et al.* 2023), que aborda políticas linguísticas, e **Constituição de um corpus para o português de Roraima (séc. XVIII)** (PROCÓPIO, 2023), com contato com línguas indígenas.

A repercussão da interface inclusiva da linguagem também pode ser observada em situações de ensino não hegemônicas, como a proposta apresentada em **A influência de um projeto literário em contexto de escola do campo: a mediação de leitura como aproximação** (CORTEZ; MARTINY, 2023).

A reflexão crítica sobre as relações mediadas pela linguagem em situações de inclusão leva à estereotopia. É o que ilustra a discussão apresentada em **Processos de estereotopia: política, turismo e gênero** (CARVALHO, GEISA, RIBEIRO, 2023), que permite observar os impactos das pautas identitárias em campos das relações humanas, e fomenta a base para novas interfaces.

### Lições que ficam

Sobrevivemos à pandemia! Não só como pessoas, mas como Associação. O conjunto das pesquisas aqui apresentadas neste volume temático da *Revista do GELNE* é a prova da nossa capacidade de adaptação.

De todos os aprendizados, não podemos esquecer que o hibridismo é o novo normal em eventos acadêmicos. Agora que aprendemos a usar as tecnologias, não vamos mais deixar de incluir as pessoas porque elas não podem ou não conseguem se deslocar. O evento presencial ainda tem o seu papel e seu valor, mas a participação remota precisa ser considerada, como política de inclusão. Que, assim como o projeto Cartografia GelNE, o formato híbrido continue no GELNE como política de inclusão e de diversidade!

Assim como nós transitamos nas fronteiras físicas virtuais dos eventos, as teóricas ou de áreas foram transpostas, e o hibridismo das abordagens é necessário para compor uma visão mais ampliada de um objeto tão multifacetado como a linguagem.

O hibridismo e a interdisciplinaridade levam a pesquisas mais sensíveis às demandas identitárias. Sobrevivemos à pandemia! As próximas cartografias vão mostrar as marcas pandêmicas que começam a ser registradas desde já.

### Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Sherry Morgana; SILVA, Amanda Mirella Simplício da. Entre o dito e o visto: narratividade em *Abishag*, de João Câmara. *Revista do GELNE*, v. 25, Edição Especial, 2023.

ATAIDE, Cleber Alves. *Cartografia GelNE: 20 anos de pesquisas em Linguística e Literatura - Volume I*. Campinas: Pontes Editores, 2019a. v. 1. 451p.

ATAIDE, Cleber Alves. *Cartografia GelNE: 20 anos de pesquisas em Linguística e Literatura - Volume II*. Campinas: Pontes Editores, 2019b. v. 2. 430p.

BARONAS, Roberto Leiser et al. Apresentação Dossiê Discurso em tempos de pandemia. *Linguagem*, v. 35, n. 1, 2020.

BARROS SANTOS, Verônica de et al. Linguagem inclusiva e comunicação não sexista na Universidade Federal de Sergipe. *Revista do GELNE*, v. 25, Edição Especial, 2023.

BARROSO, Milena Fernandes. Pistas para análise da violência contra as mulheres em tempos de crise: aproximações e desafios no contexto de pandemia no Brasil. *Revista Vértices*, v. 22, n. Especial, p. 889-906, 31 dez. 2020.

BATISTA, Hadinei; ARAUJO, Ana Paula. Orações relativas em textos científicos: ambiguidade e efeito discursivo. *Revista do GELNE*, v. 25, Edição Especial, 2023.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. Buenos Aires: Sudamericana, 1995.

CARVALHO, Carla Severiano de; FREITAS, Geisa Fróes de; RIBEIRO, Jocenilson. Processos de estereotípi: política, turismo e gênero. *Revista do GELNE*, v. 25, Edição Especial, 2023.

CARVALHO, Glória Maria Monteiro de; IANINO, Adriana Martins; SILVA, Anna Katarina Barbosa da. Notas sobre *lalíngua* no autismo. *Revista do GELNE*, v. 25, Edição Especial, 2023.

CORTEZ, Mariana; MARTINY, Franciele Maria. A influência de um projeto literário em contexto de escola do campo: a mediação de leitura como aproximação. *Revista do GELNE*, v. 25, Edição Especial, 2023.

COSTA, Alice Maria Figueira Reis da; ALMEIDA, Wallace Carriço de; SANTOS, Edméa Oliveira dos. Eventos científicos online: o caso das lives em contexto da COVID-19. *Revista Práxis Educacional*, v.17, n. 45, p. 162-177, abr./jun. 2021.

FREITAG, Raquel Meister Ko et al. Desafios da gestão de dados linguísticos e a Ciência Aberta. *Cadernos de linguística*, v. 2, n. 1, p. 1-19, 2021a.

FREITAG, Raquel Meister Ko; CRUZ, Regina Célia Fernandes; NASCIMENTO, Thiago da Cunha. A gramática no corpo: dos recursos corporificados na construção e negociação dos sentidos. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 1, p. e354-e354, 2021b.

FREITAG, Raquel Meister Ko.; AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de. *Cartografia da pesquisa em linguagem no Nordeste: áreas emergentes, aplicações para o ensino e interfaces*. Campinas: Pontes Editores, 2023.

GUSSO, Hélder Lima et al. Ensino superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária. *Educação & Sociedade*, v. 41, 2020.

HOLANDA, Driely Xavier de et al. Sob um olhar dialógico-multimodal: a matriz gesto e fala como palco de entrada da criança na linguagem. *Revista do GELNE*, v. 25, Edição Especial, 2023.

- JEWITT, Carey; KRESS, Gunther R. (orgs.) *Multimodal literacy*. New York: Peter Lang, 2003.
- MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes; PORTO, Gilceane Caetano. Dossiê Alfabetização e docência em tempos de pandemia. *Cadernos de Educação*, n. 66, 2022.
- MACHADO-VIEIRA, Marcia dos Santos et al. Acervos de dados abertos à sociedade: memória linguística e sociocultural e potencialidade de (re) uso. *Cadernos de Linguística*, v. 2, n. 1, p. e607-e607, 2021.
- MARENGO, Sandro M. Drumond A. Línguas, culturas e direitos linguísticos no Peru. *Revista do GELNE*, v. 25, Edição Especial, 2023.
- MARTINS, Sidney Silva; MARTINS, Raquel Márcia Fontes. A hipercorreção em redações modelo Enem do site Uol Educação. *Revista do GELNE*, v. 25, Edição Especial, e32142, 2023.
- NASCIMENTO, Isadora Oliveira; LIMA-NETO, Vicente. *Fake news* e cidadania digital: procedimentos de checagem de fatos em textos multissemióticos. *Revista do GELNE*, v. 25, Edição Especial, 2023.
- PROCÓPIO, Eliabe dos Santos. Constituição de um corpús para o português de Roraima (séc. XVIII). *Revista do GELNE*, v. 25, Edição Especial, 2023.
- RODRIGUES, Roana; VALE, Oto Araújo. Falsos diminutivos do português brasileiro e seu reconhecimento em um dicionário computacional de livre acesso. *Revista do GELNE*, v. 25, Edição Especial, 2023.
- ROLDÃO, Michelle Mélo Gurjão; SANTOS, Rosilda, M. A. S.; CAVALCANTI, Wanilda Maria Alves. Os efeitos da aquisição tardia da língua de sinais no desenvolvimento de crianças surdas: o que revelam as pesquisas. *Revista do GELNE*, v. 25, Edição Especial, 2023.
- SANTOS, Edméa Oliveira dos. *Pesquisa-formação na cibercultura*. Portugal: Whitebooks, 2014.
- SEBASTIANY, Edyson Waghetti; ROSA, Marluza da. Jornalismo e interdiscurso: produção de sentidos locais sobre os povos indígenas no RS. *Revista do GELNE*, v. 25, Edição Especial, 2023.
- SILVA, Kleber Aparecido et al. Apresentação de dossiê: Translinguagem e educação linguística crítica em contexto (pós) pandêmico. *Revista Horizontes de Linguística Aplicada*, v. 22, n. 1, 2023.
- SILVA, Eriglauber Edivirgens Oliveira da.; CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra; HOLANDA, Driely Xavier de. O gesto de levantar a mão: um olhar sob a perspectiva do contínuo de Kendon. *Revista do GELNE*, v. 25, Edição Especial, 2023.
- SILVA, Isabel de Fátima Rodrigues *et al.* Projeto de ensino para 6º e 7º anos: desenvolvendo a automaticidade na decodificação em estudantes PcD. *Revista do GELNE*, v. 25, Edição Especial, 2023.

SOARES, Edilson de Souza; AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de. Argumentação multimodal a partir da articulação de semioses no gênero *advergaming*. *Revista do GELNE*, v. 25, Edição Especial, 2023.

SOARES, Nathália Leite de Sousa Soares; LEITÃO, Márcio Martins; GOMES, Juliana Novo. Psicolinguística e educação: uma análise do acesso lexical em estudantes do Ensino Médio EJA e do Ensino Superior. *Revista do GELNE*, v. 25, Edição Especial, 2023.

SOUSA, Ana Beatriz Freire de; BATISTA Jr., José Ribamar. Práticas de letramento no Laboratório de Leitura e Produção Textual: gênero científicos, oralidade e tecnologias digitais. *Revista do GELNE*, v. 25, Edição Especial, 2023.

### Sumário

1. Linguagens sem fronteiras no mundo pós-pandêmico
2. O gesto de levantar a mão: um olhar sob a perspectiva do contínuo de Kendon
3. Os efeitos da aquisição tardia da língua de sinais no desenvolvimento de crianças surdas: o que revelam as pesquisas
4. Notas sobre *lalíngua* no autismo
5. Sob um olhar dialógico-multimodal: a matriz gesto e fala como palco de entrada da criança na linguagem
6. Argumentação multimodal a partir da articulação de semioses no gênero *advergence*
7. Entre o dito e o visto: narratividade em *Abishag*, de João Câmara
8. Linguagem inclusiva e comunicação não sexista na Universidade Federal de Sergipe (Barros Santos et al, 2023)
9. Falsos diminutivos do português brasileiro e seu reconhecimento em um dicionário computacional de livre acesso
10. Orações relativas em textos científicos: ambiguidade e efeito discursivo
11. Psicolinguística e educação: uma análise do acesso lexical em estudantes do Ensino Médio EJA e do Ensino Superior
12. Projeto de ensino para 6º e 7º anos: desenvolvendo a automaticidade na decodificação em estudantes PcD
13. Práticas de letramento no Laboratório de Leitura e Produção Textual: gênero científicos, oralidade e tecnologias digitais
14. A influência de um projeto literário em contexto de escola do campo: a mediação de leitura como aproximação
15. A hipercorreção em redações modelo Enem do site Uol Educação
16. Processos de estereotipia: política, turismo e gênero
17. *Fake news* e cidadania digital: procedimentos de checagem de fatos em textos multissemióticos
18. Jornalismo e interdiscurso: produção de sentidos locais sobre os povos indígenas no RS
19. Línguas, culturas e direitos linguísticos no Peru
20. Constituição de um corpus para o português de Roraima (séc. XVIII)